

O trem dos sete anos

*Raul Moreira Pinto
Juiz aposentado*

Curta viagem à distante infância. Um passeio pelas lembranças que, aos poucos, vão desaparecendo, pelo peso inexorável dos anos.

Nessa viagem, a visita primeira se faz à locomotiva, tocada a vapor.

Eram as máquinas verdadeiramente belas, imponentes. No peito, uma gravatinha, vermelha, redonda, com um número estampado. No alto, uma cartola preta, de onde saíam os mágicos vapores do andar, enfeitada com uma brilhante auréola de cobre. Ainda em cima, a fala da locomotiva: o apito e o sino.

A máquina não tinha combustível; não era impulsionada pelo diesel, de fumaça malcheirosa. Na verdade, para andar, ela se alimentava, bem como os humanos. A água, o vegetal, o fogo para preparo. Daí – alguém já observou - a enorme empatia que se tem com a locomotiva a vapor.

O maquinista mantinha uma ligação de amor, um amor imenso, com a máquina com que trabalhava. Há relatos de que, separados os maquinistas de suas máquinas, até adoeciam; a aposentadoria representava uma triste perda.

Chamavam a atenção os cuidados que eles dispensavam às suas locomotivas; com a aparência, nem se fala. A estopa não saía das mãos dos maquinistas; gastavam um bom tempo polindo com “Kaol” os tubos de cobre e as peças de bronze. Intrigava-me porque tanta insistência, quando já brilhavam muito os metais, mas quanto mais poliam mais luzentes e bonitos ficavam. Não demorei muito a aprender: a dura e entendiante repetição da tarefa está muito mais próxima da perfeição do que o estalo do gênio.

A segunda visita é à nossa casa. Morávamos na estação, fim de linha, a última da Rede Mineira de Viação, já em Goiás. As locomotivas chegadas tinham de mudar de direção para voltar para as Minas Gerais. Não havia rotunda; a mudança se fazia em um ramal em forma de triângulo. Meu pai nos colocava, eu e meu irmão, na cabine da máquina para a manobra.

Dizem que a felicidade entorpece, inebria. Deve ser verdade; jamais senti o intenso calor sempre reclamado pelos foguistas e nem o agressivo barulho do vapor na sua fuga dos cilindros.

Apenas os olhos grudados na fornalha, onde labaredas alaranjadas iluminavam o seu fundo negro, cheio de canos; um fascínio pelo fogo até hoje vivo. De vez em quando, olhava para a paisagem de um cerrado, de chão vermelho, poeirento.

A estação e a casa eram numa só construção, simples; acho que sem qualquer estilo. Numa parte funcionava o escritório, a bilheteria, a sala dos telégrafos; nessa, os aparelhos morse, com finos fios ligados a estranhas baterias de uma mais estranha ainda água azul. Também tinham rolos de papel, como serpentina, onde indecifráveis linhas e pontos traziam avisos e notícias de outros lugares.

Tempos chuvosos; da plataforma, sentado num banco de ferro e madeira, observo a locomotiva parada, de respiração lenta, quase dormindo; a chaminé negra solta uma fumaça branca; é a lenha molhada. Da casa, sai a mesma fumaça branca. Mas o que mais marcou não foi a brancura do fumo, mas o seu suave perfume.

Velha lembrança de odor de há muito não mais sentido, mas que evoca duas das coisas mais importantes da vida para o menino: a mãe, ao lado do fogão, e o trem.

Alguns – não me lembro quantos - longos e chorosos apitos saem de uma máquina estacionada; não era hora de chegada ou de saída de trens. Intensa e não escondida ansiedade da mãe. Era pedido de socorro, sinal de acidente. Não entendia o porque da preocupação da mãe; afinal, estávamos todos, naquela hora, seguros em casa...Mas absorvi rápido a lição.

Agora, o passeio à infância é ao próprio trem.

O trem que transportava tudo, coisas e pessoas, também carregava tristezas e alegrias. Com ele partia meu pai, mas com ele voltava, sempre trazendo um gibi que meu irmão lia e eu apenas apreciava as figuras. Não entendia, mas imaginava minhas próprias histórias nos desenhos, por certo, mais interessantes.

As viagens; sempre longas. Os vagões de madeira, velhos e desgastados, rangiam a toda curva. A linha, sempre mal conservada, quase sem lastro, soltava poeira à passagem da composição. Apesar disso, a viagem era invariavelmente motivo de muita alegria.

Certa vez viajamos, eu e minha mãe. Fomos pela Estrada de Ferro Goiás a Araguari, cidade grande e movimentada. Ali descobri, surpreso, de onde vinham os gibis; pela primeira vez, vi uma banca de revistas.

Os viajantes de profissão, os funcionários embarcados, todos usavam guarda-pós, que, na verdade, mais protegiam a roupa de viagem das fagulhas cuspidas pela chaminé da locomotiva do que da poeira. Achava-os feios; encobriam as vistosas vestes do chefe de trem, sempre elegante com seu quepe com fios de ouro.

A linha era cheia de curvas, as curvas de Minas; seguia no fundo dos vales; segundo meu pai, o engenheiro da Rede era o rio; era o seu curso que ditava o traçado.

A musicalidade do trem embalava o sono. O arfar compassado da locomotiva e a marcação das rodas nas emendas dos trilhos – bem registrou Villa Lobos o primeiro, no “Trenzinho caipira”; a segunda, ouve-se-a no som dos tambores das baterias das escolas de samba.

O balanço do carro de passageiro completava o embalo. Os trilhos desgastados jogavam o vagão de um lado para outro, repetindo o movimento de ninar.

Viajava, como todas as crianças, com o rosto para fora da janela do vagão, o que sempre valia repreensão da mãe, jamais levada a sério, nem mesmo depois do siso. Assim, vislumbrava-se a locomotiva, quando em ângulo com a composição. Não me importava com a fagulhas que, às vezes, iam aos olhos; afinal, desde cedo já aprendera que nos prazeres, todos, também há os desconfortos.

A paisagem parecia ser sempre igual. Terras já apropriadas mas sem nenhuma exploração; talvez, o corte de lenha para consumo da Rede. Não se via gado nem lavoura.

Ao longe uma mata, não muito fechada. De repente, o trem para – parece parar. Agora, é a mata que anda em direção contrária; as árvores rodam lentamente em torno de si, como um carrossel, mostrando-se por muitos lados.

Os pontilhões sobrevoando as águas; o rascar dos vês – VVVV, estrutura das pontes - à passagem do trem; embora sempre repetitivo, isso não diminuía a admiração.

Por último, chegamos ao trem noturno. Longe; nele se percebiam luzes trêmulas e intermitentes, fugindo das janelas dos vagões; o fecho imponente do farol parecia criar intensa neblina, em forma de cone, bem à frente da máquina; percebem-se também fagulhas vermelhas saindo da chaminé. Nos vagões, dorme-se o sono das crianças.

Aqui, termina a curta viagem à distante infância, longe quase sessenta anos. Entretanto, o trem prossegue, é engolido pela primeira curva; resta dele o tênue rastro de fumaça e um tristonho apito de despedida.

P.S. – A estação é de Goiandira; o ano de 1950. Algum eventual leitor que tenha viajado nos trens da Rede Mineira de Viação pode matar a saudade em Campinas. Ali dela se encontram três locomotivas, em trens turísticos, lindamente restauradas; duas americanas, Baldwin, acho, e uma alemã, imponente, majestosa, que cumpriu e vem cumprindo seu ofício com uma dignidade que não foi dada às suas irmãs da terra: o transporte de judeus para os campos de concentração, como se vê em muitos documentários e filmes de época da segunda guerra.